REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 473

11 DE FEVEREIRO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A morte continua a fazer farta colheita entre os nossos amigos, os nossos conhecidos, e a chronica de Lisboa tem ainda de tomar a feição lugubre d'uma chronica de cemiterio.

É esse aspecto de necrologia que ella reveste tambem hoje que tem nada menos do que cinco mortos a registar, cinco mortos que deram que fallar de si na vida publica, que representaram papel de certa importancia no theatro do Mundo.

Quatro d'essas mortes deram-se em Lisboa, a outra, a quinta, foi no Brazil, n'esse Brazil que de ser durante muito tempo o Paraizo ambicionado dos actores portuguezes, começou ha annos a ser cemiterio para alguns, para alguns que eram dos primeiros da nossa terra como o Ribeiro e a Esther, para alguns que eram formosas promessas como a pobre Margarida Loura, que tinha tanto talento e teve tanta desgraça como a pobre Amelia da Silveira, que tinha uma linha tão distincta, uma vontade de trabalhar tão firme e a quem a morte foi agora despedaçar brutalmente, inesperadamente todos os sonhos de gloria.

A triste noticia veio ao nosso encontro surrateiramente, quasi que escondida na ultima linha d'um telegramma da Agencia Havas.

Depois de noticiar uma cousa qualquer da vida politica do Brazil, d'essa vida agora tão movediça e variada, o telegramma dizia com esta simplicidade brutal de registo obituario.

«Morreu a actriz portugueza Amelia da Silveira.»

E nem uma explicação sequer: morreu, nada mais.

Na vespera tinhamos estado no theatro da Avenida a conversar com um actor portuguez que tinha vindo do Rio dias antes e que para ali voltava dias depois, filho do actor Cesar de Lima.

E precisamente a nossa conversação tinha sido a respeito da Amelia da Silveira, porque nos interessavamos muito por ella, porque tinhamos por ella particular estima.

Amelia da Silveira estava muito bem, e no caminho de fazer fortuna, dessera-nos o filho de Cesar de Lima, que era justamente escripturado da empreza de que ella era societaria e directora.

O publico do Rio sympathisava muito com ella, frequentava o theatro e applaudia-a muito nos papeis do grande reportorio, que ella começava a fazer com felicidade, com successo.

— E ella não volta para Lisboa? perguntamos nós.

— Hum! não é aquella que volta cá tão cedo! disse nos elle.

No dia immediato a Agencia Havas disse-nos que ella não voltaria nunca mais!

A sequidão com que a noticia era dada no telegramma, a falta de promenores a respeito da morte d'essa actriz portugueza de cuja doença não tinha havido noticia e principalmente o desejo que todos nós tinhamos de que a noticia fosse falsa, fizeram nascer em muitos espiritos duvidas ácerca da veracidade do telegramma.

Essas duvidas eram as ultimas esperanças que a realidade anniquilou em breve.

Mandou se pedir particularmente para o Brazil noticias da Amelia da Silveira, a resposta veio logo pelo telegrapho — morta da febre amarella.

A má noticia era verdadeira como o são sempre todas as noticias más!

Amelia da Silveira fôra ao Brazil procurar a fortuna e encontrára em seu logar a morte.

Desgraçada actriz, desgraçadas as duas pobres creaturas que n'este momento a choram, uma velha, — a sua mãe, uma creança — a sua orphã.

O OCCIDENTE publicará n'um dos proximos numeros o retrato da chorada actriz e então o acompanhará d'uma noticia biographica de Amelia da Silveira, que como actriz marcou o seu logar no nosso theatro por uma creação notabilissima, a de miss Lury, na *Sociedade onde a gente se aborrece.*

* *

Quasi que ao mesmo tempo em que o theatro portuguez perdia no Brazil

D. FRANCISCO MARIA, BISPO DOS AÇORES — FALLECIDO EM 23 DE DEZEMBRO DE 1891

(Segundo uma photographia de Toste)

uma das suas mais formosas e estimadas actrizes, perdia tambem em Lisboa um actor muito querido e festejado nos theatros populares — o actor Brandão.

Apesar de viver ha annos em theatro conhecia pouco o actor Brandão, e em toda a minha vida de auctor dramatico apenas tive uma unica peça ensaiada por elle — a *Naná*.

Em tempo Brandão foi um actor muito distincto, esteve uns mezes no theatro de D. Maria, andou uns annos fazendo os primeiros papeis na companhia dramatica de Emilia Adelaide e gosou de certa nomeada.

A primeira vez que eu o vi foi ha muitos annos, no antigo theatro do Salitre.

Eu era ainda muito pequeno, tinha 9 ou 10 annos. Representava-se pela primeira vez uma comedia de Leite Bastos, que era meu primo e em minha casa fôra educado—*As glorias do Trabalho*.

A peça teve grande successo, Leite Bastos e Brandão foram muitas vezes chamados á scena e foi d'ahi que o fiquei conhecendo.

Depois, mais tarde, quando entrei nos bastidores não aconteceu nunca frequentar os theatros por onde Brandão andava quer como actor, quer como ensaiador.

Cançado de trabalho, quasi sempre adoentado, Brandão deixára-se de ser actor para se dedicar exclusivamente aos trabalhos de ensaiador, representando apenas um papel ou outro quando de todo era necessario.

E se como actor fôra estimado pelo publico, como ensaiador não era menos estimado pelos artistas que lhe queriam muito, de quem elle sabia fazer amigos, sendo folgasão e alegre com todos, mas sabendo sempre ter de todos o respeito, manter a disciplina.

Ha muitos annos que era ensaiador do theatro do Principe Real e a sua falta é ali profundamente chorada e sentida.

A morte não esperou que elle envelhecesse para o levar — Brandão tinha apenas 54 annos — mas pode se dizer que foi elle quem apressou essa sinistra entrevista, com o pouco cuidado que tinha em si, com o desdem que tinha pelas cautellas que a sua saude, muito melindrosa, exigia. Paz á sua alma.

*
* *

Um outro morto, foi Antonio de Castilho, esse bom Antonio de Castilho que ha muitos annos parecia andar para morrer todos os dias e que finalmente morreu quando menos se esperava.

Antonio de Castilho era um jornalista de primeira ordem, muito intelligente, muito trabalhador, dotado d'uma actividade excepcional.

Fura vidas, emprehendedor, metteu-se em inumeras emprezas litterarias, mas em todas ellas foi infeliz; nenhuma vingou.

Uma das que durou mais tempo e que parecia levar bom caminho, foi a do jornal *Brazil*, mas de repente descarrillou, foi por agua abaixo como as outras.

Ultimamente tinha uma importante correspondencia para um jornal d'Africa e nas vesperas de paquete ninguem via Antonio de Castilho, passava dias e noites a trabalhar, sem dormir, sem comer, alimentando-se apenas com café.

Depois apparecia cada vez mais magro, e contava que tinha deitado litros e litros de sangue pela bocca.

E ao ver o seu aspecto cadaverico era facil acredital-o. Apesar das suas doenças porém, Antonio de Castilho era sempre jovial, folgasão, d'uma grande alegria, e tinha uma qualidade que cada vez se vae tornando mais rara — o enthusiasmo.

Antonio de Castilho já não era novo, e a doença mais velho o fazia parecer ainda, e ha muitos annos, porque elle era um doente á antiga, d'essa raça de doentes quasi eternos, raça extincta hoje em que as enfermidades não estão com cerimoneas e levam um sujeito para outro mundo em semanas quando não é em dias.

Nós que eramos amigos velhos de Antonio de Castilho sentimos profundamente a sua morte e apesar de passarmos mezes e mezes sem o vermos, faz-nos falta a alegria que tinhamos sempre quando o encontravamos ahi por essas ruas, sempre atarefado, sempre com pressa, mas pressa de que se esquecia immediatamente diante de dois dedos de cavaco.

Pobre Antonio de Castilho!

*
* *

E ainda mais mortos! O Visconde do Porto Formoso, um fidalgo da ilha, um homem delicadissimo, d'uma amabilidade quasi excepcional nos tempos que vão correndo, uma amabilidade cheia de bonhemia doce, que bem se via que era sincera, natural, e não d'essa amabilidade postiça, estudada, hoje muito em moda.

Conhecemos o Visconde de Porto Formoso ha 11 annos, no Bom Jesus do Monte e depois encontramo-nos com elle ali varios annos.

Era a sua estação predilecta de verão.

Quasi todos os annos em chegando o mez de junho o Visconde de Porto Formoso ia com sua esposa e seu filho para o Bom Jesus, e ali estava dois mezes, dois mezes e meio no grande Hotel do Gomes, onde já todos os annos lhe reservavam os mesmos aposentos e onde fazia amigos dedicados de todos os hospedes que durante esses dois mezes passavam pelo Hotel.

O Visconde de Porto Formoso foi deputado por muitos annos; pertencia á politica progressista, mas nunca fez politica a valer, nem eram para o seu feitio as luctas partidarias.

Ultimamente fôra a Paris por causa da enfermidade de sua esposa.

A' volta foi atacado pela *influenza* que degenerando em pneumonia o matou n'um abrir e fechar d'olhos.

A' sua desolada esposa e ao seu filho, que elle estremecia, enviamos d'aqui os nossos pezames.

*
* *

E ainda mais!

Este era um pobre rapaz, muito alegre, muito intelligente, que passou pelo jornalismo apenas como *touriste*, escrevendo em tempo no *Diario de Portugal*, e que d'uma jovialidade enorme, d'um bom humor cheio d'imprevisto que era a alegria dos seus companheiros, teve um fim tragico, imprevisto, que os encheu d'assombro! — o Manuel Dias Cesario que no domingo se matou com um tiro de revolver.

Fomos companheiro de Cesario desde os bancos das aulas.

Andámos juntos na explicação do professor Murinello, frequentamos juntos a aula do Commercio, a antiga aula do pobre Sampaio coitado, que tanto nos fazia rir com as suas ratices e a quem o Cesario tanto fazia arreliar com as suas partidas; depois mais tarde fomos durante muitos annos companheiros das ceias no Jansen do Thesouro Velho, e das folias de todas as noites e durante esse longo tempo pudemos apreciar bem de perto quanto valia o lealissimo e honrado caracter de Cesario, a sua esclarecida intelligencia, a sua scintillante verve que se traduzia em milhares de bons ditos, de excellentes commentarios, de agudas e justissimas criticas.

Depois, ha uns 15 annos separamo-nos. Elle continuou a sua vida de rapaz, eu mudei de rumo, e d'então para cá, só lá de longe a longe nos encontravamos de passagem, na rua ou n'um theatro.

Entretanto a minha amisade pelo Cesario continuou a mesma e foi uma profiada surpreza e um grande desgosto para mim a noticia da sua tragica morte.

Cesario tivera ha annos uma doença má — a catalepsia; e depois, segundo me contaram agora, ficára sempre padecendo mais ou menos, aprehensivo, exquisito.

Ha dois dias fallando elle a um nosso antigo companheiro d'esses annos que tão longe vão já — o José de Figueredo, dissera-lhe apontando para a cabeça, isto aqui é que não vae bem o mais excellentemente.

Era decerto a idéa da morte que andava já a fazer o seu caminho n'aquelle cerebro, que no domingo de manhã uma bala despedaçou.

E aqui tem como uma chronica de Lisboa se transforma n'uma longa e dolorosa necrologia.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

D. FRANCISCO MARIA, Bispo dos Açores

A 23 de dezembro do anno findo, falleceu na Chamusca, o bispo dos Açores, D. Francisco Maria de Sousa do Prado e Lacerda.

Foi uma perda valiosa para a egreja lusitana este fallecimento, porque o digno prelado era um modelo de virtudes christãs, das que devem distinguir um apostolo de Christo.

Foram essas virtudes que, a par de um espirito illustradissimo, o elevaram á alta dignidade ecclesiastica que occupava.

D. Francisco Maria, nasceu em 1 de janeiro de 1827, e desde novo revelou a sua vocação para a vida ecclesiastica, fazendo a sua educação n'esse sentido.

Elevado á dignidade de prior na Chamusca, ali pastoriou por muitos annos as suas ovelhas, alcançando em cada dia novos titulos ao respeito e amor dos seus parochianos, pela incançavel pratica do bem, pela sua inexcedivel caridade.

Crescendo em virtudes cresceu em dignidades, e foi sagrado bispo de Nilopolis e nomeado coadjuctor e successor do bispo de Angra, D. João Maria do Amaral Pimentel, em 1886.

Por fallecimento d'este bispo, entrou D. Francisco Maria na posse da diocese dos Açores, que governou pelo espaço de cerca de seis annos, com grande zelo e intelligencia.

Visitou as ilhas de S. Jorge e de St.ª Maria pastoralmente com grande proveito para a religião e para os povos da sua diocese, deixando por toda a parte os fructos da sua caridade, os mais salutares exemplos da moral christã.

Em abril do anno passado emprehendeu a sua visita pastoral á ilha de S. Miguel, mas no meio d'esta missão adoeceu gravemente, tendo de retirar-se, pouco depois, para a Chamusca a ver se restabelecia a sua percaria saude, nos ares patrios.

Infelizmente a doença que o minava não melhorou, e D. Francisco Maria sucumbio apesar de todos os esforços empregados para salvar tão preciosa existencia.

Tinha 65 annos de idade, empregados na pratica do bem, e se nos faltam mais dados biographicos para tecer o seu elogio, basta saber das suas inexcediveis virtudes para serem estas o maior panegyrico que pode enaltecer a vida de um ministro da religião de Jesus Christo.

O PRINCIPE ALBERTO VICTOR E A PRINCEZA MARIA DE TECK

Na Chronica do n.º 471 do OCCIDENTE faz-se larga referencia aos amores d'este principe, que a morte prematura transformou em luto e dor para a familia real ingleza e trocando as festas nupciaes de um casamento de amor, nos crepes funebres de um funeral.

O principe Alberto Victor Christiano de Gales, duque de Clarence e Avondale, filho primogenito do principe de Galles e neto da rainha Victoria de Inglaterra, era herdeiro presumtivo, em segunda linha, do throno da Gran-Bretanha, com muitas probabilidades de succeder a sua avó, vista a pouca vontade que os inglezes tem, de verem no throno de S. James o principe de Galles, herdeiro immediato da rainha Victoria sua mãe.

Nasceu em Frogmore-Lodge, Windsor, a 18 de Janeiro de 1864.

Educado sob a direcção de seus paes, e por professores particulares, fardou-se de cadete de marinha, em 1877 e principiou os seus estudos navaes theoricos e praticos a bordo do navio-escola *Britannia* estacionado em Dartmouth.

Dias depois, embarcou na fragata *Bacchante*, no posto de guarda marinha com seu irmão o principe Jorge Frederico Ernesto e emprehendeu uma larga viagem ás Indias Occidentaes, sujeitando-se a todas as regras da disciplina e ás mais rudes manobras de bordo, grangeando a affeição e o respeito de toda a companha.

Fez depois uma segunda viagem a bordo do mesmo navio e visitou os portos de Vigo, Madeira, S. Vicente, Bahia, Montevideu, Cabo da Boa Esperança e alguns da Australia, e no regresso a Inglaterra, as ilhas de Tiji, as costas do Japão e da China, Ceylão, Egypto e Grecia.

Adquiriu assim bons conhecimentos theoricos e praticos da vida de marinha. Quiz, porém adquirir outros conhecimentos scientificos e litterarios e para isso frequentou primeiro, a Universidade de Cambridge, e depois, a de Hesdelberg, na Allemanha, até obter o grau de doutor em direito honorario, titulo que, segundo escreve um jornal inglez, elle tanto ou mais apreciava que o de Alteza Real.

Escreveu de collaboração com seu irmão Jorge e sob a direcção do seu preceptor Ms. J. N. Dalton, uma resenha das suas viagens a bordo da *Bacchante*.

Tendo concluido os seus estudos de marinha e de direito, procurou instruir-se sobre a sciencia militar, entrando para a Escola Militar de Aldershot, onde seguiu a carreira de soldado como havia seguido a carreira de marinha e de direito.

Actualmente era major do regimento n.º 10 de Husares, inspecionando frequentes vezes o esquadrão do seu commando e cumprindo todos os deveres de militar como qualquer dos officiaes do exercito inglez.

Ha uns quatro annos o principe de Galles, seu pae, enviou-o á Irlanda como emissario conciliador, e ali o joven principe permaneceu algumas semanas, sendo acolhido sem enthusiasmos, mas com benevolencia e até sympathia, devido á sua nobre attitude.

Não teve completo exito a sua missão, porque a Irlanda é irreconciliavel com a Bretanha emquanto se lhe não conceda o *home rule*.

O principe Alberto representou ultimamente seu pae em varias ceremonias publicas e palatinas, e no dia 4 de janeiro tomou parte nos funeraes do principe Victor de Hohenlohe que se realisaram em Windsor, acompanhando o cortejo até ao cemiterio da Santissima Trindade, debaixo de um formidavel temporal de frio e chuva. N'esse mesmo dia ficou doente, ainda que no seguinte foi a uma caçada no parque de Sandringham, da qual teve de se retirar obrigado pela febre que o abrazava e prostrou na cama, d'onde mais não se levantou, expirando no dia 14 de janeiro, victima de uma pneumonia purulenta em que desnerou a febre da *influenza*.

O seu funeral teve logar no dia 20 de janeiro, com solemnes pompas na capella de S. Jorge de Windsor. A elle assistiram representantes de todas as potencias da Europa, indo representar El-rei D. Carlos, o sr. infante D. Affonso.

*
* *

No dia 27 do corrente devia realisar-se o casamento do principe Alberto Victor, com a escolhida do seu coração, a Princeza Maria de Teck.

Era um casamento de amor, com todos os sonhos de felicidade que povoam a imaginação dos que se amam, não faltando tambem as contrariedades que sempre se oppõem á realisação d'esses sonhos.

Este casamento soffreu ao principio grande opposição por parte dos paes do principe Alberto, mas por fim tudo estava conciliado com a intervenção da rainha Victoria que protegeu os amores do seu neto, por quem tinha tanta predilecção como pela princeza de Teck.

A Princeza de Teck, Maria Victoria Agostinha Luiza Olga Paulina Claudia Ignez, é filha do duque de Teck (Wurtemberg) Francisco Paulo Carlos e da princeza da Grã-Bretanha e da Irlanda, Maria Adelaide Guilhermina, filha do principe Adolpho Frederico, duque de Cambridge, já fallecido.

Nasceu em 26 de maio de 1867, pelo que lhe chamam a princeza *May* e porque é extremamente formosa e gentil.

A rainha Victoria tem em grande estima a princeza Teck e por isso viu com prazer a inclinação amorosa de seu neto e deu todo o seu apoio a este casamento, que infelizmente se transformou em luto, pelo morte prematura do principe Alberto.

O KHEDIVA THEWFIK I DO EGYPTO

A *influenza*, essa epidemia que se inculca inoffensiva, acaba de victimar mais um personagem importante do mundo politico, o Khediva Thewfik I do Egypto, acclamado em 8 de agosto de 1879 (19 de Chaban 1296).

O estado das finanças do Egypto, estado que tocou a bancarrota, determinou a intervenção das potencias da Europa, em 1879, para regular os negocios d'aquelle paiz, tão gravemente compromettido com as obras do canal de Suez.

Essa intervenção, com o accordo do suserano imperador da Turquia, determinou a deposição do Khediva Ismail, e elevou ao poder seu filho Thewfik, que tinha então 27 annos de idade, pois nascera em 1852.

Quando Ismail abandonava o Egypto, triste e acabrunhado, Thewfik era acclamado com enthusiasmo pelo povo que tinha n'elle uma esperança.

Effectivamente o novo khediva, de costumes mais sobrios que seu pae, offerecia garantias de um governo mais economico, tanto mais sob a tutela ingleza, que é a nação que ali tem preponderado.

Isto não evitou que, em 1881 houvesse uma revolta militar contra o governo, exigindo a demissão do ministerio, a proclamação de uma constituição e augmento do exercito, que fôra consideravelmente reduzido por medida economica da administração estrangeira.

Thewfik conseguiu applacar os revoltosos, demittindo o ministerio e chamando á presidencia do conselho Cherif-pachá, cujos merecimentos eram geralmente respeitados no Egypto.

Foi, porém, de curta duração o governo de Cherife-pachá, apesar dos seus planos de reformas sensatas e de consolidação das finanças do Egypto.

Se pertendessemos fazer aqui a historia do Egypto nos tempos modernos, teriamos que nos alongar demasiadamente, e decerto é bem conhecida essa historia, que se está parecendo muito com o que vae acontecendo por cá.

A queda de Cherife-pachá, foi o principio, por assim dizermos, das continuas perturbações que se seguiram até á occupação do Egypto pelas tropas inglezas em 1885.

Vê-se, pois, que o governo do khediva Thewfik foi dos mais attribulados, embora por causas extranhas á sua vontade, e que elle não poude dominar.

Vivendo nos ultimos annos sob a pressão da tutela ingleza, póde-se dizer que a sua acção foi quasi nulla nos destinos do Egypto.

Thewfik morre na occasião em que os negocios do Egypto estão novamente preoccupando as nações da Europa, que manifestam fortes desejos de que aquelle paiz seja evacuado pelos inglezes.

Os mais auctorisados orgãos do governo inglez, persistem em affirmar que o Egypto continuará a estar occupado pelas tropas inglezas e que Evelyn Baring continuará tambem a occupar o seu posto no Cairo, como o principal administrador dos negocios, contando exercer no novo Khediva a mesma influencia que tinha sobre o fallecido.

Thewfik I deixa quatro filhos do seu casamento com a princeza Eminhe Hauem, filha do principe El-Hami-Pachá.

No proximo numero publicaremos o retrato do novo khediva, filho mais velho de Thewfik.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A linha de Mirandella

Não podemos, infelizmente, dizer — quem não a conhece? — É preferivel perguntar ao leitor se o seu espirito é bastante curioso para viajar pelas mais afastadas provincias do nosso paiz, onde tanto ha que ver e admirar, em bellezas naturaes.

Porque só dos verdadeiros *tourists*, alem dos naturaes da localidade e dos poucos viajantes de commercio que procorrem o norte do paiz, é conhecida esta preciosa linha.

Encravada n'uma provincia afastada, separada da capital do norte por 143 kilometros de via ferrea, tendo por terminus uma cidade onde a industria e o commercio não se acham ainda impulsionados a ponto de dar á linha um trafego consideravel, a via ferrea de Foz-Tua a Mirandella vegeta, não vive; os que offereceram os seus capitaes para ella, estão reduzidos a receber uma parca remmuneração, os que ali gastaram o esforço da sua intelligencia não teem a glorificar esse esforço uma continua corrente de passageiros que lhe admire os resultados. E bem merecia ella ser admirada, pelas suas originaes obras d'arte e curiosas perspectivas.

As rampas que pediam uma via de cremalheira, como a do Brünig, foram vencidas pela machina de adherencia, á custa de milagrosos desatterros e de pasmosos muros de supporte.

As ravinas que pareciam dizer á intelligencia humana — não passarás aqui — foram galgadas por arrojados viaductos, alguns de construcção tão esquisita, de apparencia tão *sui generis*, que por mais que o problema se ache resolvido, não se pode imaginar como essa solução foi encontrada, como a engenharia conseguiu arrancar áquelles penhascos o segredo de como se poderia abrir ali caminho, segredo que elles pareciam occultar no seu seio ciosos de que o sopro do progresso fosse acordar os eccos virgens d'aquellas penedias.

Para violar esses segredos, engenheiros e trabalhadores tiveram que dependurar-se das montanhas por meio de cordas.

Assim foi construido o troço em que se acha o viaducto das Presas, assim o foi tambem, mais adiante, uma parte da linha no sitio das Fragas Más.

Os primeiros 21 kilometros são todos de uma difficuldade de construcção pasmosa, sendo na quasi totalidade construidos sobre muros de supporte em numero de 118, formando um volume de 170 000 metros cubicos de alvenaria.

Metade d'aquella extensão é em curvas, e tão variavel é o traçado para seguir os zig-zagues da margem do rio, que a maioria dos alinhamentos rectos, n'esta parte do precurso, não alcança a 500 metros e nenhum ha superior a 625 metros.

Em toda a linha ha seis tunneis, formando ao todo 521 metros e seis viaductos, com uma extensão total de 230 metros, nove estações, das quaes a principal é a do que damos n'este numero a gravura.

Como d'ella se vê o seu desenho é elegante, a construcção espaçosa servindo amplamente para o serviço a que é destinada.

A linha foi inaugurada em 27 de setembro de 1887 por um comboio especial em que ia a familia real, e grande numero de convidados, aos quaes foi offerecido em Mirandella um lauto jantar, no barracão de mercadorias.

Lembrando-nos d'esta sympathica festa, como o nosso espirito recorda quanto então todas auguravam que o enthusiasmo com que as povoações acolhiam a passagem da locomotiva, se traduziria em uma prodigiosa corrente de movimento para a nova linha. Como nos desenganamos todos hoje que vemos as magras receitas que ella dá, o pequeno aproveitamento dos seus comboios!

Pois é pena, porque a linha de Foz-Tua-Mirandella é uma das mais interessantes obras do paiz.

L. de Mendonça e Costa.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

EM GUIMARÃES

V

(Continuado do n.º 471)

Ha algumas razões, que vêem em abono d'esta tradicção. Ninguem duvida de que os 12 anjos de prata, que possuiu esta igreja, e dos quaes resta um, tendo sido desfeitos 11 para se fabricarem castiçaes e outras peças, foram tomados a el-rei de Castella, porque em todos se achava gravado um letreiro, que dizia, em uns: *Esta obra mando hacer el noble sñor Rey Dom Enrique*; e em outros: *Esta obra mando hacer el noble Rey Dom Juan, hijo del noble sñor Rey Dom Enrique*. O anjo que actualmente se guarda no thesouro da collegiada tem esta ultima inscripção. Por conseguinte os 12 anjos foram mandados fazer por D. Henrique II e por seu filho D. João I de Castella.

Além da razão, que allega o padre Carvalho, dizendo que não era crivel, que o rei de Castella tivesse na sua tenda real os anjos, que serviam de ceriaes para allumiar o retabulo, sem ter ahi o retabulo que deviam allumiar, a confrontação do anjo, que resta, com as figuras do oratorio, mostra, por meio de uma rigorosa analyse, que essas obras têem a mesma procedencia, e que talvez sahissem da mesma officina. Quando o mestre de Aviz cingiu a corôa dos nossos reis, a esculptura em pedra achava se entre nós muito adiantada nos trabalhos de ornamentação, mas em grande atrazo na estatuaria, principalmente pela falta de correcção no desenho. Sejam provas d'esta asserção as obras da Batalha e varios mausoleos, nomeadamente o de el-rei D. Fernando, ao presente no museu archeologico do Carmo, em Lisboa. Não succedia o mesmo, porém, na esculptura em metal. Como se póde ver em alguns vasos sagrados e relicarios, que ha no reino, feitos n'esta epocha em o nosso paiz, os ourives portuguezes já eram muito perfeitos em todo o genero de lavores ornamentaes, e se não produziam primores de arte em trabalhos de figuras, é certo que não commettiam os erros grosseiros em que geralmente cahiam os esculptores em pedra. Esta differença entre esculptores em pedra e em metal continuou a dar-se nos seculos seguintes. Emquanto os esculptores em pedra, no reinado de D Manuel, esculpiam grosseiramente, e sem a necessaria correcção de desenho, as estatuas dos portaes da igreja de Nossa Senhora de Belem, o ourives Gil Vicente cinzelava com inexcedivel perfeição a famosa e formosissima custodia de ouro que el-rei D. Manuel doou ao mosteiro de Belem, [1] na qual se admiram as 12 estatuas dos apostolos, obra, como toda a custodia, do maior primor. [2]

As terras do nosso paiz, onde a ourivesaria primeiro se desenvolveu e aperfeiçoou foram Guimarães, Braga e Lisboa. Na ascenção do mestre d'Aviz ao throno, já Guimarães tinha no seu seio ourives muito distinctos. Não creio pois, que sa-

[1] Guarda-se no gabinete de numismatica do paço da Ajuda.

[2] Vid. Occidente vol. III pag. 137.

hissem das mãos d'estes artistas as figuras do oratorio em questão, todas mais ou menos incorrectas, sobre tudo a de Nossa Senhora, que está deitada, cuja cabeça, por sua desmesurada grandeza, não está proporcionada ao corpo.

Se se comparar o esmalte dos dois escudos d'armas reaes com todos os outros esmaltes do oratorio, reconhecer-se-ha que não são obra dos mesmos artistas. Aquelles são menos perfeitos. Não tem o brilho e viveza das côres de todos os outros.

Além d'isso, a fórma portatil do oratorio é mais apropriada ao uso, que lhe dava da sua tenda de campanha el-rei D. João I de Castella, do que ao serviço que tem tido na igreja de Guimarães, onde só é exposto no templo em um dia do anno.

O mestre d'Aviz pesou-se a prata para fazer doação a Nossa Senhora da Oliveira das differentes peças de prata necessarias para o seu culto. E n'este sentido é que se faziam taes votos. Para se logar se guarda o anjo de prata, mencionado acima, o qual tem de peso 24 marcos. Se não é uma obra apreciavel pelo primor artistico, é certamente de muito apreço como tropheo glorioso das armas portuguezas, e como padrão da independencia nacional. Antigamente costumavam levar este anjo na procissão do Corpo de Deus, debaixo do palio, pondo-lhe nas mãos o Santissimo Sacramento. Durou esta pratica até 1540, começando d'ahi por diante a ser conduzido tambem debaixo do palio, na procissão do Anjo Custodio, que se faz todos os annos no terceiro domingo de julho. Para que figure de Anjo Custodio do reino, e commemore a victoria, que assegurou a nossa independencia, costumam, só para esta festividade, pôrem-lhe na mão esquerda o escudo das armas reaes, e na direita uma espada.

A peça mais antiga, que se guarda no thesouro da collegiada, é um calix denominado de «S. Torquato», que, segundo diz a tradição e memorias gothicos, mostra ser obra dos principios do seculo XVI, epocha em que a ourivesaria portugueza chegou ao seu maior aperfeiçoamento. E com effeito foi offerecido a Nossa Senhora da Oliveira nos fins do reinado de el-rei D. Manuel por Fernando Alvares, mestre eschola d'esta collegiada, e ha toda a razão para crer que teve por artifices ou ourives de Guimarães. É de prata dourada, com oito marcos, menos uma onça, de peso. A copa é adornada com seis figuras de anjos, empunhando os emblemas da Paixão e com outros seis na parte interior sustentando seis tintinabulos. Decoram o nó seis esbeltos nichos unidos por columnas e variados ornamentos gothicos, e coroados por baldaquinos rendilhados. Occupam estes nichos as estatuas da Virgem e de cinco apostolos. A base é dividida em doze gomos. Nos seis maiores estão esculpidas, em relevo, as imagens de seis apostolos. Nos seis menores ha ornatos de esmalte. Na borda da copa tem grava-

O PRINCIPE ALBERTO VICTOR — Fallecido em 14 de Janeiro de 1892

A PRINCEZA MARIA DE TEK — Noiva do Principe Alberto Victor

fazer idéa do seu peso, direi, que quando o fui buscar a Guimarães, para a exposição d'arte ornamental, que se realisou em Lisboa em 1882, eram precisos 8 homens, ou 6 muito possantes, para o transportarem para as carroças, etc.

Gaspar Estaço, foi, não ha duvida, conego d'aquella collegiada; mas tambem fr. Luiz de Sousa, religioso dominicano, foi por algum tempo conventual do convento da Batalha, e além d'isso chronista mór da ordem, e disse na sua *Chronica*, que as capellas imperfeitas da Batalha foram começadas por el-rei D. Manuel, quando este soberano declára no seu testamento, que foi d'ellas principiador el-rei D. Duarte, seu avô.

Mr. Yriarte, inspector de Bellas Artes em França, enviado a Lisboa pelo presidente da Republica Franceza para estudar e fazer um relatorio sobre a nossa exposição d'arte ornamental, apreciando muito o referido oratorio, disse-me que não vira em paiz algum, de tantos que conhecia, uma obra d'este genero, de taes proporções.

É costume ser exposto este oratorio no altar da capella-mór desde o dia de Natal até á Epiphania, e assim tambem na festa de Nossa Senhora, voltando depois para a sachristia, onde fica encerrado no referido armario. N'este mesmo escriptas antiquissimas, pertenceu a S. Torquato, martyr, arcebispo de Braga. É estimado, portanto, como reliquia santa e como objecto archeologico. A tradição não é verdadeira, pois que o calix, pela sua fórma e ornamentação, é obra do seculo XIII. S. Torquato viveu e foi martyrisado no seculo VIII. Os calices n'essa epocha eram muito differentes na fórma, e na sua singela ornamentação. É de prata dourada, e de singular feitio, sobre tudo pelo grande diametro da base. Tem de peso cinco marcos e meio. Não sobresae por delicadezas e primores de esculptura. O seu merecimento artistico encerra-se na obra de esmalte. A base é recortada em oito grandes divisões ponteagudas, separadas por uns ornatos de volta redonda. Nas oito grandes divisões estão a imagem de Nossa Senhora e as de sete apostolos, todas de esmalte, e cada uma occupando um d'aquelles oito repartimentos. A patena tem representada a Santissima Trindade tambem em esmalte.

Vê-se alli outro *calix*, de menos remota antiguidade, mas de maior belleza e de mais aprimorado trabalho. Na elegancia do desenho, em geral, na profusão e boa distribuição dos ornatos, na perfeição das esculpturas, e principalmente na phantasiosa invenção e brincados lavores dos ornamentos da a inscripção: *Hic est calix sanguinis mei, novi et*. Na parte superior tem em torno do calix, em esculptura relevada, um formoso côro de anjos em adoração.

Entre as diversas custodias, que se contêem n'este thesouro, extrema-se pela sua grandeza, pelo seu valor intrinseco, pela originalidade e belleza do feitio, e pelo primor com que está fabricada, uma *custodia* de prata dourada, que o conego Gonçalo Annes, ou como então se dizia, Gonçaleanes, deu a Nossa Senhora em 1534. Tem de altura 95 centimetros, e quasi a mesma medida de circumferencia na base, incluindo as figuras, em que assenta. Estas figuras, por uma singular anomalia, de que se vêem muitos exemplos tanto em esculpturas em pedra como em metal, nos edificios religiosos e vasos sagrados d'essa epocha, representam dous griphos e duas esphinges, tendo nos intervallos quatro garras de aguia, empolgando quatro bolas. Eleva-se a base em tres degraus, á maneira de throno. No ultimo estão esculpidas em meio relevo as imagens de Nossa Senhora com o Menino Jesus, Santa Isabel, seu filho, S. João Baptista e S. Pedro. D'esta base ou peanha levanta-se o tronco, lavrado com diversidade de desenhos, tendo a meia altura seis nichos com

estatuas de santos, debaixo de baldaquinos, vasados e lavrados como rendas Sustenta este tronco um como prato oblongo, do centro do qual se ergue a pyxide entre dois pilares, compostos de delgadas columnas, e rematando em nichos com pequenas estatuas e floreados baldaquinos. Junto da pyxide e dos pilares sobre a borda do prato, estão dois anjos em adoração, tocando instrumentos de vento. No lado opposto acham-se outros dois anjos, em igual postura. O prato é guarnecido de uma brincada renda e adornado com seis campainhas, que pendem da base dos pilares e da de cada um dos anjos. Serafins, silvados e rendas fazem tres cercaduras em volta da pyxide, sobre a qual se eleva um formoso pavilhão, em que se abrem quatro nichos com as estatuas dos quatro evangelistas, a que fazem docel outros tantos baldaquinos de delicadissimo lavor. Um elegante corucheu, todo lavrado de arabescos, flores e cherubins, e coroado pela imagem de Christo crucificado, serve de remate a esta preciosa e formosissima custodia. Debaixo do prato, em que pousa a pyxide, está gravada a seguinte inscripção: *Esta custodia foi acabada na era de 1534.*

Tambem não ha noticia positiva da terra, onde foi feita esta custodia, mas crê-se com muito plausivel fundamento, que foi em Guimarães.

Não é menos admiravel pela excellencia do trabalho uma cruz grande de prata branca, fabricada na mesma epocha, e doada á egreja da collegiada pelo mesmo conego Gonçalo Annes. Forma a base da cruz um como throno sextavado, composto de quatro corpos, tres a modo de degraus, e o quarto, em que assenta a cruz, representando o Calvario. Toda esta obra é de prata. Cada uma das dezoito faces d'aquelles tres corpos tem esculpido um quadro de baixo relevo.

Os seis do corpo inferior representam:—Judas entregando a Christo—Jesus Christo em casa de Pilatos—O Senhor com a cana verde na mão—Christo amarrado á columna — Os judeus anoutando o Senhor—e Jesus Christo indo para o Calvario.—Os seis paineis do segundo corpo são mais pequenos porque os degraos vão diminuindo de altura. Representam: Dois passos da vida de Nossa Senhora—dois da vida de Christo—a degolação de S. João Baptista—e o propheta Daniel. Nos seis baixos relevos do terceiro corpo vêem-se: S. João Evangelista escrevendo o Apocalypse na ilha de Patmos = S. Mátheus escrevendo o Evangelho—Nossa Senhora com Jesus Christo morto nos seus braços—A resurreição—S. Marcos = e S. Lucas. Todos estes quadros são divididos uns dos outros por mui bem lavrados pilares, adornados de nichos com as estatuas de Salomão, de Moysés, dos seis prophetas, dos quatro Evangelistas e dos quatro doutores da igreja. Os pilares, rematando em esbeltas agulhas, ornadas de mui delicados relevos, os brincados baldaquinos que cobrem as estatuas e os quadros, e os variadissimos relevos, que resaltam por toda esta fabrica, tudo no estilo gothico florido, dão-lhe um aspecto grandioso e encantador. O pequeno Calvario, sobre o qual se ergue a cruz, é todo lavrado em arvores, penêdos, caveiras e ossos. A cruz é toda guarnecida, com muita diversidade de lavores, entre os quaes avultam onze medalhas de cada lado, umas quadradas, outras circulares, com differentes bustos.

Pesa esta cruz 71 marcos e meio. Serve para ser levada nas procissões, em certos dias festivos, alçada em uma haste de pau.

Outra cruz de prata, processional com 0m,.2 d'altura, toda lavrada de folhagem de carvalho, com as extremidades rematadas em flor de liz, assenta sobre dois corpos oitavados de estilo gothico puro, tão similhantes á architectura da egreja da Batalha, que a estão denunciando como obra da mesma epocha, não obstante a tradição, que diz ter servido o S. Giraldo na solemnidade do baptismo de D. Affonso Henriques.

R.

(Continúa)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

LINHA DE MIRANDELLA — A ESTAÇÃO
(Segundo uma photographia de E. Biel)

A MÃE DE CAMÕES

(Concluido do n.º 472)

Mas, alem dos documentos já transcriptos, cujos originaes conheço, ha tambem o seguinte, a que já me referi: «No anno de 1543, diz Faria e Sousa, veio ás minhas mãos o Registo da Casa da India de Lisboa de todas as pessoas mais principaes que passaram a servir áquelles estados desde o anno de 1500 até estes nosssos tempos, e na lista do anno de 1550 achei este assento: «Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, escudeiro, de vinte e cinco annos, de barba ruiva; trouxe por fiador a seu pae: vae na nao de S. Bento dos Burgalezes»; e n'outro Registo da gente de guerra das nãos que partiram para a India em 1553 encontrou Faria e Sousa na mesma Casa o seguinte assento: «Fernando Casado, filho de Manuel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro; foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, escudeiro; e recebeu dois mil e quatrocentos réis, como os demais». Como se acaba de ver dos dois registos que Faria e Sousa leu com os seus proprios olhos, conclue se com toda a evidencia que Anna de Sá era a mãe de Camões, pois se fosse outra, o nome d'essa outra figuraria n'elles, e, não sendo conhecido, por-se-hia unicamente o nome do pae, e nunca o da madrasta, se a tivesse.

Por ultimo pergunta o Snr. Storck porque é que ninguem antes de Faria e Sousa mencionou o nome de Anna de Sá. Os motivos são porque Faria e Sousa foi o primeiro que descobriu os registos da Casa da India, e porque até alli se guiaram todos pela asserção de Mariz, que traz so Anna de Macedo. Faria e Sousa julgou que valiam mais os documentos do que o dito de um escriptor; e fez muito bem.

Em conclusão temos pois que os documentos são concordes em chamar á mãe de Camões Anna de Sá, e que portanto o era, merecendo o seu testemunho muito mais credito do que a affirmação de Mariz, posto aquelles se possam concordar com este, admittindo que o appelido Macedo, se com effeito pertencia a Anna de Sá, foi supprimido pelas rasões já expostas; sendo talvez essas razões, senão o melhor conhecimento da materia, o que moveu Diogo Barbosa Machado na sua monumental *Bibliotheca Lusitana* a lhe assignar os dois appellidos, no que o seguiu modernamente o visconde de Juromenha na sua edição das obras do grande épico.

No tocante á época da composição da poesia em que o sr. Storck fundou os principaes alicerces das suas conjecturas, diz o mesmo senhor: «Houve tempo em que julguei que este sublime poema datava dos annos posteriores ao regresso da India, mas depois de reconsiderar e examinar com mais solicitude os feitos e factos a que allude, estou disposto a collocal-o, sem titubear, no perio-

do indio (1554), accrescentando-lhe assim uns vinte annos de existencia».

Confesso que não encontro motivo de preferencia entre um e outro periodo. Trata o poeta n'esta canção dos seus amores e desgraças. Aquelles occupam quasi dois terços da sua extensão, e estas o restante; e em ambas as partes nenhum feito, nenhum facto prova onde foi escripta; podendo sel-o tanto na Asia como em Moçambique, como em Portugal, nos ultimos annos da sua vida, mas só que o foi já na edade madura, pois se lembra saudoso da sua mocidade distante; depois de ficar cego na guerra; e depois de deixar a patria e de transpor os mares, vendo varios povos e varios céos; isto é, depois de ter passado ao oriente. As allusões ás injustiças dos que governam, aos perigos, aos desenganos, aos soffrimentos que experimentou são vagas de mais para marcarem data; posto no relativo ás injustiças dos poderosos alguem descobrisse as perseguições contra o poeta na India, como outros descobriram e vão descobrindo nas suas poesias e no seu poema elementos para a sua biographia, guiados só por phrases de sentido obscuro ou figurado e que a maior parte das vezes não passam de generalidades que em nada esclarecem: de maneira que a vida de Camões limitada, infelizmente, pelo imperdoavel descuido dos homens do seu tempo, a muito, poucos factos comprovados, se avoluma cada vez mais, e cada vez mais se torna um romance. Esses sonhos de alguns escriptores portuguezes antigos e modernos decerto levaram o sr. Storck a trilhar o mesmo caminho; no que merece mais desculpa, como estrangeiro e menos sciente dos nossos costumes, legislação, lingua e historia, por maior que seja o seu merecimento, do que aquelles, conterraneos do poeta e versados nas coisas do seu paiz; sendo o mais perigoso de todos para seguir-se, pelo nome que adquiriu, hoje bastante diminuido, e por viver pouco depois do grande poeta, e ser contemporaneo de pessoas que ainda o conheceram, Manuel de Faria e Sousa.

Demonstrarei o meu dito apresentando aqui a ultima parte da canção, e fechando assim com chave de oiro este meu artigo.

Continuando a fallar dos seus infelizes amores, diz o poeta:

Que desculpas comigo só buscava.
Quando o suave amor me não soffria
Culpa na coisa amada, e tão amada!
Eram emfim remedios que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida a sustentar se de enganada.
N'isto uma parte d'ella foi passada;
Na qual, se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, timido, indecente,
Não foi senão semente
D'um comprido, amarissimo tormento.
Este curso continuo de tristeza,
Estes passos vanmente derramados,
Me foram apagando o ardente gosto,
Que tão de siso n'alma tinha posto,
D'aquelles pensamentos namorados,
Com que criei a tenra natureza,
Que, do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana não resiste,
Se converteu no gosto de ser triste.

Nos versos:

D'aquelles pensamentos namorados,
Com que criei a tenra natureza,

não se póde deixar de ver uma referencia no trecho da canção que transcrevi no principio, quando o poeta diz que a sua má estrella logo lhe poz o amor junto do berço.

Depois de assim terminar a primeira parte, isto é, a que trata dos seus infelizes amores, Camões prosegue e acaba a canção da seguinte maneira:

D'est'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não; mas o destino fero, irado;
Qu'eu, inda assim, por outra não trocara.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida cara.
Agora exp'rimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fruto seu.
E n'este escudo (escuro?) meu
A pintura verão do infesto fogo.
Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguagens e costumes,
Céos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, fortuna injusta que consumes
As edades, levando lhes deante
Uma esperança, em vista de diamante:
Mas, quando das mãos cahe, se conhece
Que é fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via.
No perigo primeiro; e no segundo
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me emfim o tempo e o mundo.
Que segredo tão arduo e tão profundo,
Nascer para viver e para a vida,
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdel-a,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim não houve transe de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças d'aquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos,
Qu'eu não passasse, atado á fiel columna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços
Não conto tantos males, como aquelle
Que, depois da tormenta procellosa,
Os casos d'ella conta em porto ledo;
Qu'inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar um só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não me arredo;
Nem bem que me falleça já pretendo;
Que para mim não vale astucia humana.
De força soberana,
Da providencia, emfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo ás vezes tomo
Para consolação de tantos damnos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos;
As aguas que então bebo, e o pão que como
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.
Que, se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria,
Por os vestigios da primeira edade,
E, de novo tecendo a antiga historia
De meus doces amores, me levasse
Por as flores que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saúdade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave,
Onde uma e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os signaes,
A vista, a neve, a rosa, a formosura,
A graça, a mansidão, a cortezia,
A singela amizade, que desvia
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais...
Ah! vans memorias! onde me levaes
O debil coração, qu'inda não posso
Domar bem este vão desejo vosso?
Não mais, canção, não mais; qu'irei fallando,
Sem o sentir, mil annos; e, se acaso
Te culparem de larga e de pesada,
Não pode ser, lhe dize, limitada
A agua do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fabulas sonhadas!

Como se acaba de ver, esta parte da canção, que é aquella em que podia haver mais allusões á vida do poeta que servissem para fixar-lhe a data, não passa do vago e do geral para o distincto e particular; não precisa factos, excepto o da sua cegueira; nem dá margem a conjecturas plausiveis. Talvez Camões debaixo d'esse sentido obscuro e mysterioso alguns escondesse, mas, sendo assim, fêl-o tão cautelosamente, que debalde se cançarão os commentadores em devassal-os e explical-os, pois só conseguirão enredar-se e enredar cada vez mais a biographia que pretendem elucidar. Se apenas ha um facto preciso na segunda parte, na primeira ainda ha menos: não se encontra nenhum; visto que o auctor n'ella trata unicamente e em globo de seus amores; pelo que não só falta base para firmar a épocha da composição da poesia, mas tambem, destruidas, como ficam, as duas conclusões do sr. Storck quanto á morte da mãe de Camões immediata ao nascimento de seu filho, e quanto á ama fera que o amamentou, não deparo motivo bastante para se dizer, como diz o mesmo senhor que n'esta «canção. . temos fragmentos de uma autobiographia do poeta lançada a largos traços».

Ramos Coelho.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXV

DESENLACE PROVIDENCIAL

Claudio de Castro depois da entrevista que havia tido com Litta e de ver que a cigana não voltára á rua do Calvario, ficára socegado sobre o seu procedimento futuro.

E na verdade que outro partido conviria a Litta tomar senão aquelle que lhe offerecia o morgado?

Por este lado, o unico que Claudio poderia temer, devia estar tranquillo, elle assim o comprehendeu; e nos quatro dias que se seguiram quasi se esqueceu completamente da enorme responsabilidade que empendia sobre a sua cabeça.

Pela sua parte o abegão dos Peres Correia já se havia esquecido tambem do incidente da mendiga. Não voltára, era decididamente uma louca e sem importancia alguma as ameaças que dirigira ao seu hospede.

Mas ao quarto dia quando abriu o portão para ir a casa do seu visinho tanoeiro buscar o almoço para si e para Paulo Mendes, ficára surprehendido de ver dois individuos parados, a fallar diante do palacio, e como occupados em examinar a sua topographia.

Não sabendo porque, então voltou-lhe á lembrança a scena da mendiga. As physionomias d'aquelles dois homens, sendo lhe completamente desconhecidas, inspiraram-lhe comtudo um profundo mau estar, e maior foi ainda a sua inquietação quando o seu visinho lhe disse que na vespera havia estado com um empregado de justiça de Beja, que lhe dissera ter alli sido mandado para uma diligencia importante na pessoa de certo fidalgo.

O abegão voltou taciturno e apenas n'esse dia dirigiu algumas palavras ao seu hospede, quando aliás era costume entreter lhe as refeições contando-lhe alguns episodios que se haviam dado em Serpa por occasião da estada ali dos francezes.

Claudio de Castro não attentou n'isso; n'aquelle dia acordara admiravelmente disposto. O acaso sorria-lhe ainda e elle via que já não tinha quem viesse pedir-lhe contas da fortuna que expoliára.

O abegão esperou todo o dia que os taes officiaes de justiça viessem intimal-o a entregar o seu hospede e leval-o, quem sabe se elle proprio, preso como suspeito de cumplicidade.

Porem, como dizemos, o dia passou-se sem incidente algum e perto das nove horas o abegão despediu-se do seu hospede e depois de trancar o portão foi deitar-se.

Não tinha acabado de se metter na cama quando puxaram com força o arame da sineta.

— Olá, quem será? Não esperamos ninguem e parece-me que o mais sensato é não abrir a porta a estas horas.

Mas ainda não havia concluido o seu raciocino quando a sineta foi puxada ainda com mais força do que da primeira vez.

— Quem quer que é parece-me que vem com mais idéas de ser obedecido do que pedir desculpa de vir incommodar tão fóra de horas.

E entre a desconfiança e a curiosidade, o abegão vestiu-se á pressa, accendeu uma lanterna de furta fogo e foi abrir o portão.

Mas qual não foi a sua estupefacção quando ao patentear a entrada se lhe depararam seis individuos e entre elles a mendiga que dias antes ali estivera.

— Ah! eis aqui o mesmo homem que eu encontrei quando aqui vim pela primeira vez, queiram interrogal-o que elle ha de fallar, se ainda se lembrar dos meus conselhos

Então um dos individuos a quem os restantes pareciam vir subordinados, adiantou-se para o abegão:

— Está aqui alguem com o nome de Paulo Mendes?

— Saberá o sr. que se encontra n'aquelle pavilhão a quem o aluguei, comquanto a casa pertença aos illustres Peres Correia, que se ausentaram d'aqui por causa dos malditos francezes.

— Estamos informados. Outro tanto talvez lhe não aconteça e portanto quero que saiba quem somos. Sou o corregedor de Beja, recentemente nomeado pela junta e estes senhores empregados de justiça que servem sob as minhas ordens; esta mulher que já não lhe é desconhecida e estes dois senhores Fernando Telles e Luiz Ferreira Lobo, ambos filhos de duas familias distinctissimas. O motivo que nos traz é desmascarar esse impostor, que procurando illudir a sua boa fé veiu aqui com um nome supposto occultar-se da responsabilidade dos crimes de que o accusam. Cremos desconhecer todas estas circumstancias e por isso em

vez de o prendermos como seu cumplice pedimos-lhe um pequeno favor.

— Queira ordenar sr., cumprirei humildemente todas as ordens que me der.

— Entre estes dois senhores, esta mulher e o seu hospede vae haver talvez uma demorada conversação, precisamos ouvil-a sem ser vistos. Poder-nos-ha indicar um logar onde nem uma palavra percamos do que vae passar-se?

— Queiram seguir-me.

— Emquanto a estes senhores irão pela entrada principal. Tu Litta acompanha-os.

Os empregados de justiça acompanhados do abegão entraram por uma pequena porta, desceram alguns degraus e logo sentiram um cheiro nauseante a bafio. Estavam no subterraneo do pavilhão.

O abegão encaminhou-os para um corredor onde a custo passavam duas pessoas a par, subiram uma pequena escada e encontraram-se n'uma especie de arrecadação.

— Aqui está sr. corregedor. Esta porta dá para o quarto da cama onde n'este momento se encontra o tal Paulo Mendes.

O corregedor viu luz pelas fendas da porta approximou-se e procurou examinar o que se passava no quarto contiguo.

Sobre a mesa estava um cofre de madeira e debruçado sobre elle Paulo Mendes entretido a contar e a arrumar algumas barras de ouro.

De repente ouviu-se de fora uma pancada secca.

O morgado metteu á pressa dentro do cofre os rolos de dinheiro que tinha tirado para fazer melhor arrumação e fechou-o precipitadamente.

— E' extraordinario, quem será? Ouviu-se o morgado dizer em tom de espanto... O abegão... mas que quererá elle.

— São os nossos companheiros que chegam. Acrescentou o corregedor para os que o acompanhavam. Muito cuidado em não produzir qualquer ruido que chame a attenção do morgado para este lado.

Litta tambem com o ouvido collado á porta esperava não perder uma palavra do dialogo que ia travar-se.

Segunda pancada resoou na porta produzindo um enorme ecco por toda a casa.

— Homem, espere um bocado, você tem pressa. E para comsigo:

— Mas que diabo quererá o abegão a estas horas. Haverá alguma novidade?

Pegou no candieiro amarello de tres bicos que tinha sobre a banca, ao lado do cofre, e dirigiu-se para a ante sala onde havia a porta para o pateo.

Correu os ferrolhos socegadamente sem que pelo espirito lhe passasse a lembrança das extranhas visitas que ia receber, e sem desconfiar de cousa alguma abriu a porta e até sem olhar para fóra disse:

— Entre sr. Bernardo entre, então o que o traz?

Suppunha ainda fallar com o abegão.

— Perdão sr. morgado de Louredo, creio estar em equivoco. Sou Luiz Ferreira Lobo e este é o meu amigo o dr. Fernando Telles. Pedimos mil desculpas de o vir importunar a esta hora, porem o que temos que conversar com o sr. morgado é de tal importancia que não era possivel adiar por mais tempo.

Claudio havia recuado livido de espanto e soltado um grito de terror, ao mesmo tempo que os seus labios tremulos, pronunciavam a custo:

— Luiz! Luiz!

A sua primeira idêa foi lançar-se sobre a porta e fechal-a, obrigando os dois intrusos a sair á força, porem essa idêa passou-lhe rapida porque tanto Luiz como Fernando já haviam entrado e occupado a unica saida, para evitar qualquer tentativa de fuga do morgado.

— Vejo que a minha presença lhe é bastante desagradavel, sinto o deveras; mas acima de todos os resentimentos e de todas as repugnancias que possam inspirar as nossas pessoas um ao outro, eu tenho um dever sagrado a cumprir e é esse dever que me trouxe até aqui.

— Não comprehendo o que o sr. Ferreira Lobo quer dizer. Demais se alguem ha que tenha direito a queixar-se sou eu de cuja boa fé o sr. infamemente abusou, deshonrando o meu nome e roubando me as affeições de um ente que me era caro.

— Não fujo á responsabilidade da minha culpa, e até estou prompto a reparal-a, porque é cousa facil se o sr. morgado não se oppozer a isso.

— Vem offerecer-me um duello não é verdade, disse o Claudio deixando transparecer no rosto um riso de zombaria. Na minha idade seria cousa facil contar com a victoria, e o que não era mais do que um assassinato ficava mascarado com a apparencia de um combate leal. Se taes foram as suas ideias ao vir até aqui tenho a dizer-lhe que recuso terminantemente.

— Não é essa a especie de reparação que offereço. Demais sei eu qual a repugnancia que inspira ao sr. morgado um combate frente a frente. E' muito melhor ferir quando ha a certeza de que temos na nossa presença entes indefezos como a historia de certa punhalada no dia 15 de agosto de 1785 em Evora, e o ferimento d'uma religiosa no claustro do convento de Nossa Senhora da Conceição, ha pouco mais de um mez.

— Ignoro completamente a que vem essas referencias, que de maneira alguma se entendem com a minha pessoa.

Fernando então adiantou-se e tirando da algibeira os papeis que soror Maria Paula lhe havia entregue apresentou-os abertos diante do morgado, que se achava encostado a um buffete onde havia pousado o candieiro.

— Conhece esta letra?

E como o morgado depois de olhar os papeis encolhesse os hómbros indifferentemente Fernando Telles acrescentou:

— Thereza Leite depois de ferida covardemente pelo homem a quem havia entregue a sua honra, havia professado em Evora e morreu ha dois mezes superiora do convento de Nossa Senhora da Conceição, de Beja, onde o acaso a fez protectora de Anna da Soledade, outra victima dos calculos interesseiros do sr. morgado. E' facil negar porem não é facil destruir as declarações escriptas pelo proprio punho da victima, sob juramento de mais a mais da superiora de uma instituição religiosa. Como disse o acaso fel-a protectora de Anna da Soledade e tanto que foi por sua ordem que o capellão do convento andou procurando o rasto da creança, filho da snr.ª morgada e que o sr. havia entregue a uns ciganos para fazer desapparecer.

— Eu... é falso...

Mas n'este momento, como o actor que aguarda a deixa para entrar em scena, assim Litta appareceu subitamente do quarto de cama deixando o morgado como fulminado.

— Negará tambem o sr. morgado, disse ella, que ha quatro dias me foi offerecer dez peças de oito mil réis, promettendo-me quantia igual todos os annos se eu guardasse segredo d'esse crime?

— Bem vê sr morgado que é inutil negar os crimes de que o vimos accusar, acrescentou Luiz. Pois da nossa parte temos todos os elementos para o levar até aos degraus d'um patibulo. 1.º por haver sido auctor do assassino frustrado na pessoa de Thereza Leite; 2.º por se haver feito passar como marido de Anna da Soledade, quando entre o sr. e ella não existiam as relações communs entre marido e mulher, e isto para, auctorisando o adulterio, levar um tribunal a dar-lhe a administração dos bens fazendo enclausurar a sua victima n'um convento; 3.º pela tentativa de um crime de infanticidio; 4.º por outro assassino frustrado, nos claustros do convento de Nossa Senhora da Conceição, em que ficou ferida na cabeça com uma bala de revolver Anna da Soledade, com o fim de fazer desapparecer aquella a quem de direito pertencia a fortuna que tinha em seu poder; 5.º por denunciar-nos como patriotas e conspiradores, crimes que a junta de Beja está punindo com a pena de morte.

Claudio de Castro já não respondia; aquellas accusações formuladas assim tão de subito haviam-lhe causado um abatimento profundo. Deixou-se cahir sobre a cadeira que estava atraz d'elle, pallido, convulso, vendo-se lhe deslisar da testa grossas bagas de suor.

— Mas como se o acaso quizesse zombar dos planos ambiciosos do sr. morgado, Anna da Soledade não morreu, bem como não morreu a creança que pretendia fazer desapparecer.

— Vivos, estão vivos! Rugiu o morgado arrancando com as mãos os poucos cabellos que ainda tinha na cabeça.

— Sim, estão vivos, acrescentou Luiz a quem o abatimento e o desespero do morgado iam obrigando á commiseração e ao dó; estão vivos e é em seu nome que eu venho pedir-lhe a restituição da fortuna que lhe usurpou...

A estas palavras o morgado levantou-se horrivelmente agitado gritando:

— Ladrões! Ladrões! Querem roubar-me. Roubar-me o meu dinheiro, o meu thesouro... Não, não hão de leval-o sem primeiro assassinar me.

E correu para o quarto onde momentos antes havia estado fazendo o inventario da sua fortuna.

Porem ali estava-lhe reservada ainda maior decepção; rodeando a mesa, onde se encontrava o cofre do dinheiro, o morgado viu quatro homens um dos quaes se adiantou á sua chegada.

— Sr. morgado de Louredo, Claudio de Castro, está preso em nome da lei!

A esta intimação um grito estridente abalou toda a casa e como que fulminado de um raio, o morgado cahiu redondamente no chão.

Por um instante todos ficaram surprezos.

Fernando Telles foi o primeiro que se approximou do morgado, desabotoou lhe a sobrecasaca e deitou-lhe nos labios algumas gotas d'um frasco de que vinha prevenido.

Depois de se haver demorado por instantes em detido exame, levantou-se solemne e disse olhando o magistrado.

— Senhor, a Providencia não quiz deixar aos homens a missão de castigar tão grande culpado. Claudio de Castro acaba de expirar sob a acção d'uma congestão cerebral.

Continua

Julio Rocha.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Novas peças d'artilheria sub-marinas.—A companhia que se formou para continuar a obra emprehendida por M. Ericom nos Estados Unidos, para a defeza das costas com canhão sub marino, vae proseguir suas experiencias com um novo canhão actualmente em construcção em Bethlehem.

Cada projectil deverá conter de 300 a 400 libras de nitro-glycerina, a carga será de 25 libras de polvora. Attribue-se-lhes um alcance de 250 a 300 metros. Terá poste de cano fora do navio mas o projectil passará igualmente em poste a bocca do canhão antes do tiro.

Fizeram-se já algumas experiencias com successo, no lago. Como com um canhão sub marino inventado por M. Torelli. O canhão foi immerso no lago a uma profundidade de 100 metros, e não obstante a enorme pressão da agua a carga foi tão poderosa que teria sido bastante para destruir completamente qualquer navio.

Em vista d'estes resultados foi a M. Torelli entregue o commando de um canhão do mesmo genero mas de muito maiores dimensões.

O ferro substituindo a prata na photographia. — Segundo *Ibelios*, o professor Meldola em uma conferencia feita á *Societé des Arts* d'Anvers fez a declaração de uma descoberta devida a M. Varley, que consiste no meio de exaltar a sensibilidade dos saes de ferro á luz, e que elles podiam agora luctar com as emulsões dos saes de prata.

Para o provar cobriu uma folha de papel com o novo preparo, expôl a sob um negativo, á luz, do gaz, durante um segundo, e a imagem foi desde logo patenteada aos olhos do auditorio.

M. Meldola declarou que n'esse processo não entrava nem a mais pequena particula de sal de prata, nem tão pouco no revelador, e M. Varley affirma que este processo — que ainda não foi divulgado — é cem vezes melhor que o que se pratica actualmente.

S. P.

REVISTA POLITICA

Os acontecimentos mais importantes occorridos nas regiões da politica, n'estes ultimos dez dias, foram a demissão inesperada do sr. Peito de Carvalho de director geral das alfandegas e das contribuições indirectas, e a proposta do deputado sr. Manuel d'Arriaga, feita no parlamento, para eleger uma commissão de infracções, para julgar do procedimento do ex-ministro da fazenda sr. Marianno de Carvalho.

Qualquer d'estes factos, são effectivamente da maior importancia, pela novidade que offerecem, por estarem pouco em harmonia com a brandura dos nossos costumes.

Quanto á demissão do sr Peito de Carvalho, não estão explicados por emquanto os motivos, apezar do mesmo funccionario ter requerido uma syndicancia aos seus actos, requerimento que foi indeferido.

Quanto á proposta do sr. Manuel d'Arriaga, a camara ouviu-a no mais profundo silencio, e silenciosa se quedou depois da sua leitura.

Não havia que dizer, e a camara só tinha que se penitenciar por não ter mais cedo tratado d'aquelle grave assumpto, depois de ter ouvido as declarações feitas pelo sr. João Chrisostomo, presidente do gabinete demissionario, e pelo proprio

ex-ministro da fazenda, com respeito aos dinheiros de que tinha disposto para valer á companhia dos caminhos de ferro, ao banco Luzitano e outros, sem accordo ou auctorisação do conselho de ministros e antes contra o que esse conselho determinára.

Assim a camara assombrada pela proposta, não encontron palavras para explicar o não se ter adiantado ao deputado republicano, e ter de lhe aprovar uma proposta que para sua honra e decoro não podia regeitar.

A commissão foi eleita e agora resta aguardar o julgamento.

Não sabemos se estes dois factos que acabamos de relatar são o inicio d'uma vida nova, estamos tão descrentes das coisas politicas da nossa terra, que já não fazemos apostas por ninguem. O tempo é que ha de mostrar o que não é licito prever, n'este emaranhado da politica que todos estamos presenciando.

Quando d'antes se dizia que a nossa administração não podia continuar como ia, os que assim pensavam eram acoimados de pessimistas, e a unica resposta que obtiam era de que estas cousas andavam assim ha muitos annos e que assim continuariam porque iam bem.

Agora os optimistas d'então são os proprios que vem confessar o seu erro e lamentar as desgraças da patria.

E' pena não haverem por cá monges, mas para que não deixem de se penitenciarem, alguns propõe-se a ir plantar batatas, com que, emfim, talvez a sociedade lucre mais do que com os seus processos administrativos.

A proposta de lei do sr. ministro da fazenda já teve parecer da commissão respectiva, a qual fez algumas modificações no que respeita ás deducções a fazer nos ordenados dos funccionarios do Estado, estabelecendo que essas deduções se façam de 5 p. c. nos ordenados de 400$000 réis a 700$000 inclusivè, de 10 p. c. nos ordenados de 700$000 a 1:0 0$000, de 15 p. c de 1:000$000 a 1:500$000 e 20 p. c de 1:500$000 a 2:000$000, devendo ser este tambem o vencimento maximo para os funccionarios, exceptuando se as altas dignidades ecclesiasticas, os embaixadores, os generaes em serviço, os governadores das possessões ultramarinas, e os ministros de Estado effectivos cujos honorarios são reduzidos a 2:570$000.

Aquellas excepções comprehendem-se facil mente pelas despezas de representação inherentes aquelles cargos.

No mais a commissão de fazenda manteve a proposta de lei, com umas pequenas alterações nos adicioaaes sobre as contribuições de renda de casa, sumptuaria e industrial, no sentido de tornar mais equitativo este novo imposto, tornando-o ao mesmo tempo mais rendoso.

Hoje deve principiar a discutir-se no parlamento aquella proposta de lei e tudo leva a crêr que será approvada, sem grandes discussões. Alguma vez ha-de o parlamento ser sobrio.

Entretanto para que os novos impostos não encontrem má vontade no publico ou mesmo opposição aberta, será conveniente que o governo vá fazendo as reformas que prometteu, no sentido de cortar todos os abusos que se aninham na publica administração, e trate de fazer entrar nos cofres do Estado o que lhe é devido por desleixo e excepções na sua arrecadação

Esta é sem duvida a tarefa mais difficil a cumprir, mas hoje esta questão do equilibrio das finanças é tão complexa, que será difficil conseguir uma, sem triumphar tambem da outra.

O publico em geral não está nem póde estar disposto a fazer sacrificios para continuar a sustentar abusos, e, portanto, é preciso que se expurgue da administração publica todos os parasitas, todas as excepções, todos os patronatos, para que esses pesados sacrificios, sirvam realmente para equilibrar as finanças e restabelecer o credito e confiança no paiz.

Continuaremos a não fazer apostas e a aguardar os acontecimentos.

João Verdades.

O KHEDIVA THEWFIK I — Fallecido em 7 de Janeiro de 1892

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Cancioneiro Popular Politico *trovas recolhidas da tradição oral portugueza*, por A. Thomaz Pires. Precedido de uma carta do ex.^{mo} sr. Oliveira Martins. Collecção, Correio Elvense. Elvas, typographia Progresso, 1891. E' este o primeiro livrinho d'esta collecção editado pelo sr Antonio Carvalho, no que prestou um bom serviço á historia politica moderna do nosso paiz, serviço, que por egual prestou o sr. Thomaz Pires que colleccionon as trovas populares que formam este cancioneiro.

As trovas colleccionadas n'este primeiro livrinho alludem á invasão dos francezes, ao movimento liberal de 1820 a 1834, á revolução de setembro, ao prounciamento da praca de Almeida, á Maria da Fonte e ao movimento da Regeneração (1851).

Um livrinho extremamente curioso e que apenas custa 200 réis.

L'Echo Polyglotte, *revue internationale de lectures et de conversations modernes, litterature, sciences, arts, industrie, commerce.* Director fundador F. Platy Paris. Publica-se bi-mensalmente e cada numero é illustrado com um retrato de actualidade.

As quarentenas perante a sciencia *ou a critica scientifica do regulamento geral de sanidade maritima*, por Domingos José Bernardino d'Almeida. Lisboa, Livraria Ferin. 1891. Um folheto de 50 pag. in-8.º. Trata-se n'este folheto da debatida questão das quarentenas, em que as opiniões dos competentes se dividem pró e contra o regimem quarentenario. Entretanto os argumentos apresentados pelo auctor d'este folheto, fundados em opiniões auctorisadas e na pratica de 31 annos de clinica no Brazil, são de bastante peso e devem merecer a attenção dos poderes publicos, para que estes aperfeiçoem quanto possivel os regulamentos quarentenarios, no sentido de os esporgarem de rigores absurdos com que todos são prejudicados.

N'este sentido propõe o Almeida uma reforma do regulamento quarentario que nos parece seria util aproveitar.

Les Roumains, Hongrois et la Nation Hongroise, *réponse au mémoire des étudiants universitaires de Roumanie. Publié par les étudiants de l'université Roy. Hongroise des sciences de Budapest, de l'Ecole Polytechnique de Budapest*, etc, etc. Budapest, 1891. Um folheto de 64 pag. in 8.º. Os jovens estudantes de Bucarest espalharam com profusão pelo mundo civilisado uma memoria, em que pretendiam descrever a sorte dos roumaicos de Hungria, bastante triste e lamentavel.

A memoria agora publicada palos estudantes de Budapest, refuta as aserções feitas pelos estudantes de Bucarest, fazendo um bocado de historia d'este povo, terminando por fazer votos para que se estreitem mais e mais os laços de boa amisade entre os dois povos, cuja aliança nunca foi tão necessaria como hoje.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43